

# **DESMONTEE RECONSTRUÇÃO: UN COEUR SIMPLE, GUSTAVE FLAUBERT**

**FABIANO FERNANDES**

**Universidade Federal de Santa Catarina**

Una cosa es el rigor logico y otra la tradición ya casi instintiva de poner las palabras fundamentales en la boca de los simples y de los locos.

Jorge Luis Borges – *Vindicación de Bouvard et Pecuchet*, p. 119

Devido a seu estilo e à sua extrema preocupação formal, Flaubert pode ser considerado uma espécie de *writer's writer* – leitura obrigatória para escritores ou aspirantes a escritores. Sem ser necessariamente compacto como um Hemingway, o narrador Flaubertiano é contido, forçando o leitor a buscar nas entrelinhas, detalhes vitais para a compreensão da estória. Em “Un cœur simple” – um dos mais conhecidos contos de Flaubert – encontramos este tipo de precisão, responsável pela ambigüidade da narrativa. Quaisquer críticas que estejam sendo feitas através desta biografia da empregada Felicidade correm largo risco de passar à margem de olhos atentos somente à estória. Na verdade a constituição mesma da narrativa – e não seu enredo – é a matéria-prima de Flaubert; o *como* supera o *o quê*, o *quem* e o *quando* na escala de prioridades do contador de estórias.

Não obstante, a aparente imparcialidade do narrador Flaubertiano pode se revelar perigosa: o leitor prevenido tem lá suas reservas quanto à

imparcialidade de qualquer narrador – por mais *jornalística* que seja a linguagem, sempre será organizada por escolhas, e as chances de se ter escolhas baseadas em conceitos puramente estéticos é incrivelmente baixa (para não dizer nula). Encontramos nosso leitor com o olho colado ao texto, vagaroso, esperando encontrar o posicionamento disfarçado em comentário casual em qualquer linha. Devo dizer que, não fosse assim, não haveria ironia. A ironia não é um jogo que se jogue sozinho. Mesmo a mais escrachada das ofensas necessita da cooperação de nosso interlocutor – de sua, digamos, boa vontade em ser ofendido –, que dizer então de um crítica velada. O narrador Flaubertiano é um narrador que se concentra grandemente, portanto, no leitor. Cabe ao leitor preencher as muitas lacunas que se disfarçam e se cobrem de palavras dentro do texto de Flaubert. Resta saber como há esse leitor de preenchê-las – e é aqui que está o ponto crítico sobre o qual pretendo desenvolver meu trabalho.

É comum que se encontre no trabalho de grandes escritores do século passado e do começo deste século como Machado de Assis, Eça de Queirós (para ficar no terreno da Língua Portuguesa) e o próprio Flaubert, ferrenha crítica a instituições burguesas como a religião católica ou o casamento. Não esperamos destes autores posicionamentos favoráveis quanto a tais temas, de modo que, nossa leitura – mesmo a inicial – já se volta para certas interpretações-padrão. Também contribui para isso nosso modo, digamos, *carregado*, de leitura: lemos autores de quem conhecemos a vida, cujos principais interesses nos parecem claros e em certa medida atrelados à situação político-social de seu tempo, bem como temos acesso à vasta fortuna crítica a seu respeito – sendo algumas vezes as interpretações tão clássicas quanto os textos que interpretam.

Em se tratando de um autor como Flaubert, cujos narradores preferem a neutralidade de uma linguagem contida, a forma que assumirá nossa leitura se torna crucial, uma vez que corremos o risco de aproximar da página olhos já carregados de interpretações pré-determinadas que o texto em si não dá conta de cancelar – ao menos não explicitamente. Pretendo portanto inverter a tábua de valores usual de autores como os acima mencionados (ou pelo menos mostrar que tal inversão é possível) para poder redirecionar a leitura de “*Un cœur simple*”. Escolhi falar de religião: em “*Un cœur simple*”, a religião torna-se gradativamente mais visceral dentro da narrativa à medida em que esta avança. É de fato com uma alucinação de cunho religioso que a vida de Felicidade chega ao fim: um papagaio gigantesco (a visão muito peculiar de Felicidade do Espírito Santo), abre sobre ela suas asas arrebatando-a para o Paraíso.

Não é difícil perceber um deboche da religião católica na associação entre a ave e o Divino Espírito Santo (personificado por um pombo). A própria pessoa de Felicidade pode ser encarada como um gol contra da religião: só mesmo uma pessoa sem educação, sem posses, sem qualquer expectativa de um futuro melhor, só mesmo uma pessoa tal seria simplória o suficiente para acreditar em tais coisas. Como extensão disso, Felicidade

tende a ser vista como personagem caricatural e de pouca profundidade psicológica, negando o leitor a si mesmo a possibilidade de uma percepção mais dramática da personagem e de sua condição. Isso é, de certa forma, introduzir o texto dentro da lógica aristotélica de pensamento: a personagem humilde está para o ridículo e o mundano assim como a personagem nobre está para o sublime e o sentimento.

Quais são os passos necessários para que possamos cumprir o programa acima traçado? Inicialmente, cabe-nos perceber quem é Felicidade dentro da narrativa, como é representada pelo narrador. Com isso, estaremos aptos a perceber quais são os elementos constitutivos de seu caráter que a fazem parecer caricatural, respondendo a eles na medida do possível. Deixo claro que não tenho a intenção de negar a caricaturalidade da personagem ou de lhe retirar os traços cômicos; o que pretendo justamente é pôr em relevo os elementos que a constituem como personagem, a fim de que tenhamos dela uma impressão mais tridimensional. Deste modo, uma vez detectadas as, na falta de melhor termo, *fraquezas* de nossa heroína, prestemos atenção à sua força, para então finalmente falarmos de sua experiência religiosa.

Procuremos, por um instante, abandonar nosso modo usual de leitura ao qual aludi há pouco. Abandonemos também a busca pela ironia escondida, já que esta depende de nossa posição como leitores para se concretizar no texto. Desse modo, espero, durante a leitura, estaremos respondendo ao texto e não às nossas pré-confirmadas expectativas em relação a ele.

Quanto a meu método de trabalho, seguirei duas premissas básicas. A primeira delas é a de que este ensaio procura basicamente fazer a *análise* do texto. Para tanto, devo me manter tão próximo de meu objeto quanto possível, o que certamente resultará em um grande número de exemplos e citações (ainda assim, creio que talvez seja conveniente para o leitor manter junto a si uma edição do conto). A segunda é de que a análise procederá seguindo três passos bastante definidos, sendo eles: (1) estudo da apresentação inicial de Felicidade, feita pelo narrador; (2) estudo de sua construção como caricatura e (3) desconstrução de seu aspecto caricatural, mormente via análise de sua experiência religiosa.

Quem é Felicidade? Como Felicidade nos é apresentada? A resposta está para ser encontrada no primeiro capítulo do conto. O narrador decide começar a estória com uma descrição da personagem. Para tanto, menciona *as burguesas de Pont l'Évêque*. Diz ele: “Pendant un demi-siècle, les bourgeois de Pont-l'Évêque envoient à Mme Aubain as servante Félicité”<sup>1</sup> (p. 591).

O narrador começa, portanto, exaltando os dotes profissionais de Felicidade, a serem explicitados no próximo parágrafo. Felicidade não só é trabalhadeira (sendo apta a executar uma infinidade de trabalhos distintos), mas também trabalha por pouco. Não bastasse isso, “[elle] resta fidèle à sa maîtresse,—qui cependant n’était pas une personne agréable”<sup>2</sup> (p.591).

Perceba-se que a descrição feita de início tem um caráter positivo. Essa descrição será retomada após um breve histórico da vida da Sra. Aubain e da descrição de sua casa. Temos então a descrição de sua rotina, na qual encontramos sorrateiramente os primeiros indícios – quase casuais – de sua religiosidade: levanta-se cedo para ir à missa e dorme agarrada a seu rosário. Além disso, descobrimos que é econômica no comer e no trajar.

O último parágrafo oferece os únicos traços de sua descrição física: rosto magro e voz aguda. Estes elementos em si não muito atrativos, oferecem-se ao narrador como um ponto de apoio sobre o qual ele pode mudar o rumo da descrição até agora feita, pintando a caricatura da personagem.

O que é que faz de Felicidade personagem caricatural? A extrema simplicidade de seus trajes acima mencionada pode ser um indício sutil: aponta tanto para sua economia quanto para sua real condição de pobreza. Que trabalha por pouco e que dorme em um quartinho iluminado por uma clarabóia também já sabemos.

Mas não são esses os fatores determinantes – personagens pobres, há em Dickens, sem que sejam patéticas. Ao abster-se de julgamentos, o narrador de Flaubert faz hábil uso da disposição das informações para que possamos nos mover pela personagem. Se até o presente momento tínhamos uma descrição positiva de Felicidade (a invejável empregada da Sra. Aubain), com um suave movimento, o narrador introduz os já citados detalhes físicos, que lhe permitem falar de sua idade: “A vingt-cinq ans, on lui en donnait quarante. Dès la cinquantaine, elle n'a marqua plus aucun âge”<sup>3</sup> (p. 592).

Ao leitor é dada a impressão de que o trabalho pesado desgastara rapidamente o corpo de Felicidade. Mais que isso: Felicidade é afetada pelo excesso de trabalho como ser humano. Sua descrição é encerrada com as seguintes linhas: “et, toujours silencieuse, la taille droite et les gestes mesurés, semblait une femme de bois, fonctionnant d'une manière automatique”<sup>4</sup> (p. 592).

O primeiro traço caricatural na composição geral de Felicidade é, portanto, sua redução a seu próprio trabalho, seu aniquilamento perante a rotina mecânica de sua vida. As mesmas características positivas acima mencionadas podem ser todas relidas sob a imagem da mulher-autômata que, silenciosa, limita sua vida ao desempenho de suas tarefas.

O segundo capítulo do conto traz a descrição do “grande amor” de Felicidade. De novo, sua atitude há de condená-la e de pô-la à sombra dos acontecimentos de sua própria vida. Sua descrição anterior como “silenciosa” ecoa através de seu relacionamento com Teodoro. Leiamos os seguintes trechos:

Il lui paya du cidre, du café, de la galette, um foulard, et, s'imaginant qu'elle le devinait, offrit de la reconduire Au bord du champ d'avoine, il la renversa brutalement. Elle eut peur et se mit à crier. Il s'éloigna.<sup>5</sup> (p. 593)

Aussitôt il parla des récoltes et des notables de la commune, car son père avait abandonné Colleville por la ferme des Écots, de sorte que maintenant is se trouvaient voisins. “Ah!” dit-elle<sup>6</sup> (p. 593).

Le moment arrivé, elle courut vers l'amoureux.  
A sa place, elle trouva un de ses amis.

Il lui apprit qu'elle ne devait plus le revoir. Pour se garantir de la conscription, Théodore avait épousé une vieille femme très riche, Mme Lehoussais, de Toucques.

Ce fut un chagrin désordonné. Elle se jeta par terre, poussa des cris, appela le bon Dieu, et gémit toute seule dans la campagne jusqu'au soleil levant.<sup>7</sup> (p. 594)

Uma leitura mais cuidadosa das ações de cada uma das personagens no trechos citados, conduz facilmente a ver como é Teodoro quem toma as atitudes: ele se aproximou dela; quando percebeu que essa não entendera suas intenções, e afastou-se; abordou-a no dia seguinte; ele marcava os encontros e falava de seus sentimentos. Ele rompeu o relacionamento, ainda que um tanto covardemente, através de um amigo.

Que papel cabe a Felicidade, então? Significativamente, o texto todo se dá com poucos diálogos. A primeira fala, reportada em discurso direto, é a de Felicidade, acima transcrita: “Ah!”. Intrigante me parece que em sua primeira fala Felicidade não esteja dizendo nada. De modo semelhante, Felicidade passa à margem da linguagem articulada nos outros dois trechos citados, em que grita, gême e joga-se no chão, mas muito pouco diz. Isso não quer dizer que ela não tenha vontade própria; nos conta o texto que ela resiste a se entregar ao namorado, que desconfia de Teodoro e que se deixa amaciar quando ele fala do exército. Mas, mesmo nesses trechos, não há indícios de que tenha dito qualquer coisa. O relacionamento de Felicidade e Teodoro introduz na trama uma sutil disfunção entre o que Felicidade sente e o que faz: ela não se expressa – pelo menos não através da fala. Isso faz com que ela “desapareça na sombra” dos acontecimentos, como muito sugestivamente nos fala o narrador.

Essa aparente disfunção de linguagem estará presente em outras situações de sua vida, em que o silêncio, ou, quando muito, uma linguagem não de orações mas de poucas palavras, será a regra – “Et jamais elle ne parlait de ses inquiétudes”<sup>8</sup> (p. 605) –; reverberará, principalmente, em seu afeto por Lulu. Pode-se suspeitar que o papagaio tenha sido cuidadosamente escolhido para ser o bichinho de estimação de Felicidade pelo interessante contraste que oferece quando comparado a ela: o papagaio é um animal que produz uma simulação da linguagem humana, reproduzindo sons que ouve mas dos quais não capta o sentido. Também o faz de maneira repetitiva, quase mecânica. Através da ave, reverberam algumas das principais características da “mulher de madeira”.

Após o rompimento do namoro de Felicidade e Teodoro, há, contudo, uma rápida mudança de rumo no comportamento da moça. Por conta própria, ela toma atitudes – coisa que até então não havia feito. São suas as iniciativas de sair da fazenda onde trabalhava e de abordar a viúva que precisava de uma empregada. Também no trato com os visitantes da casa da Sra. Aubain

(como Robelin, Liébard e o Marquês de Gremanville) parece ter certa autonomia, encarregada que era de recebê-los e/ou despachá-los.

E já que estou mencionando os momentos em que Felicidade toma decisões por conta própria (contrariamente a seu relacionamento com Teodoro), não nos poderíamos esquecer de uma das cenas mais surpreendentes da estória: o ataque do touro. Já tendo trabalhado com gado quando jovem, Felicidade salvara a Sra. Aubain e seus dois filhos de um touro furioso, o que lhe confere um título de heroína ao qual acredita não fazer juz.

Como vemos, o narrador vai se valendo de diversos elementos espalhados ao longo da trama para pintar Felicidade de modo disfarçadamente *dicotômico*: ao mesmo tempo que Felicidade é vista como mulher trabalhadeira, que parece saber tomar decisões em momentos difíceis e é capaz de atos de heroísmo, sua relação com o mundo através da linguagem não é das mais promissoras. Parece haver, desde o início da trama, certa automaticidade em seu modo de agir, bem como certo isolamento de seu mundo mental; do qual pouco sabemos. Esse fato, agregado à sua falta de estudos, nos dá a impressão de que pouco há para saber. Seu isolamento do mundo vai se tornando mais forte à medida que envelhece, desgastada que é pelo trabalho, pela surdez e pelas más condições da casa velha. Sua doença terminal e seu fim solitário deixam no leitor a sensação da miséria da personagem, apagando de sua lembrança suas características positivas – como sua fidelidade e empenho, por exemplo.

A pergunta final que nos faltaria responder, tendo em vista o programa acima traçado, seria: qual o papel da religiosidade da protagonista na formação de seu caráter? Vimos que a religião já estava discretamente presente na descrição inicial de Felicidade. Também sabemos que, com o catecismo de Virgínia e com a chegada e, mais tarde, a morte de Lulu, o fervor religioso de Felicidade parece crescer. Parece também se misturar a outras instâncias de sua vida, sacralizando ela pessoas a quem quer bem como a Sra. Aubain.

Aqui seria o ponto de retomarmos a discussão iniciada na introdução deste trabalho: a religião Católica, como instituição moralizante e detentora de poder, vem de longa data sendo asperamente criticada (os autores já mencionados são um bom exemplo). Parecem imperdoáveis para o olho público situações como a queima de bruxas ou o Tribunal da Santa Inquisição – e não precisamos nos reportar a nenhuma teoria específica para tratar do assunto, sendo suficiente que o mencionemos em nível do senso-comum. A resistência da igreja católica em revisar seus pontos-de-vista no tangente a questões como aborto, homossexualidade ou mesmo contraceptivos<sup>9</sup> também contribui grandemente para que tenha uma imagem de instituição atrasada, perdendo longe no tempo a antiga credibilidade.

Não poderia eu menos que concordar com tais críticas. Mas uma ressalva importante caberia ser feita. A Igreja Católica como instituição não necessariamente é o órgão que mais perfeitamente representa/preserva a mitologia judaico-cristã – muitas vezes distorcida pelas próprias mãos daquela.

Falar contra a instituição da Igreja e seus dogmas generalizantes e pouco flexíveis (como se a controvérsia fosse algo satânico) não significa, necessariamente, que se deva subestimar o valor da mitologia deste sistema religioso ou a validade e a importância da crença de seus fiéis em suas vidas. Tampouco a manipulação desta mitologia ou seu uso na corroboração de estruturas desiguais de poder impede um redirecionamento de suas leituras.

As consequências do acima dito para a leitura de “*Un cœur simple*” devem ser levadas em consideração. Não há menção, no conto, dos abstrusos dogmas do Catolicismo, exceto em uma curta passagem: “Quant aux dogmes, elle n'y comprenait rien, ne tâcha, même de comprendre.”<sup>10</sup> (p. 601). O desinteresse de Felicidade por essas “verdades” supremas as descarta da narrativa. Sua experiência do Catolicismo se dá em outro nível – e, para tratar dela, seria proveitoso que nos apropriássemos do conceito de *carisma*, tal como o definiu Max Weber:

Denominamos “carisma” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder”. (1994: p. 159)

Para Weber, o *livre reconhecimento* da validade do carisma de uma pessoa pela comunidade – bem como o reconhecimento por parte do próprio líder carismático – fornece a legitimação de suas habilidades. Em torno deste líder é organizada uma comunidade extracotidiana, no sentido de que não está atrelada a processos de produção econômica: *O carisma puro é especificamente alheio à economia*. “Constitui, onde existe, uma “vocação”, no sentido enfático da palavra: como “missão” ou “tarefa” íntima. Despreza e condena, no tipo puro, o aproveitamento econômico dos bens abençoados como fonte de renda” (p. 160). Claro está que, com o desaparecimento do líder carismático, problemas como o de sua sucessão contribuirão para uma institucionalização não somente da comunidade mas também do carisma – passando a função de gestão dos *bens de salvação* (e com esta expressão estamos nos afastando de Weber para entrar na *economia simbólica* de Bourdieu) às mãos de “funcionários intercambiáveis [...] e dotados de uma qualificação profissional homogênea adquirida por um processo de aprendizagem específica, e aparelhados com instrumentos homogêneos capazes de possibilitar uma ação homogênea e homogeneizante” (p. 66).

Voltando a Flaubert, podemos perceber, no comportamento de Felicidade, uma reação às histórias que ouve durante o catecismo de Virgínia, que pode ser pensada como a contra-parte do carisma: a *empatia*. As lendas que envolvem a vida de Jesus Cristo são, por assim dizer, campesinas. Jesus, em seu papel de líder carismático, deve sua eficácia à ação junto às classes desprestigiadas social e economicamente: ele falava aos pobres, jantava

com prostitutas e cobradores de impostos. Sua pregação se deu por meio de narrativas simples, com analogias de fácil compreensão impregnadas de mensagens de teor moralizante sobre a liberdade humana de escolha e a consciência dos próprios atos. Dentre suas metáforas prediletas, encontramos as pastorais e agrícolas – tão simplesmente porque se dirigia a pastores e pequenos proprietários.

Les semaines, les moissons, les pressoirs, toutes ces choses familières dont parle l'Évangile, se trouvaient dans sa vie; le passage de Dieu les avait sanctifiées; et elle aimait plus tendrement les agneaux par amour de l'Agneau, les colombes à cause de lu Saint-Esprit.<sup>11</sup> (p. 601)

As parábolas de Cristo, repetidas pelo cura, têm em Felicidade um efeito empático porque falam do que ela entende. A impressão de que uma instância superior, divina, havia estado em contato com os objetos de sua vida quotidiana é uma das primeiras causas apontadas pelo narrador para sua simpatia por aqueles mistérios. Miserável como fora até então, sua vida se enchia de uma importância nova.

De fato, é exatamente sua “simplicidade” de pensar que lhe permite as respostas mais espontâneas – por conseguinte, as mais eficazes. Em Felicidade, ritos que se haviam estabelecido *per se* (perdida no tempo sua razão de ser), ritos tornados praxes sociais sem verdadeira significação religiosa, adquirem nova vida. Há que se destacar a cena da comunhão de Virgínia.

Quant ce fut le tourne de Virginie, Félicité se pencha pour la voir; et, avec l'imagination que donnent les vraies tendresses, il lui sembla qu'elle était elle-même cette enfant; as figure devenait la sienne, as robe l'habillait, son cœur lui battait dans la poitrine; au moment d'ouvrir la bouche, en ferment les paupières, elle manqua s'évanouir.

Le lendemain, de bonne heure, elle se présenta dans la sacristie, pour que M. le curé lui donnât la communion. Elle la reçut dévotement, mais n'y goûta pas les mêmes délices.<sup>12</sup> (p. 602)

Antes de chegarmos à passagem acima citada, há uma larga descrição da missa, das crianças e de seus vestidos, da música. Toda uma atmosfera é construída e faz reverberar os mistérios da Paixão de Cristo. Essa Paixão é o sacrifício simbólico da comunhão – a fusão simbólica entre homem e Deus. É possível perceber como a projeção de Felicidade em Virgínia reproduz essa fusão em outro nível, de modo forte o bastante para que ela possa experienciar, mesmo sem hóstia ou vestidinho branco, o mistério celebrado pela missa. Sua resposta é sincera (como mesmo o admite o narrador) e total, vindia de sua imaginação (tida por muitos místicos como *A* faculdade religiosa por excelência). No dia seguinte, a ausência dessa mesma atmosfera à qual tinha respondido faz com que sua comunhão *formal* – realizada pelo *profissional* de que há pouco nos falava Bourdieu – não tenha o mesmo efeito de sua comunhão espontânea. A hóstia institucionalmente consagrada não é suficiente para reproduzir o poder cativante da estória que esta celebra. Há que se admitir que tamanha entrega

é um processo mental demaisado forte para ser realizado por uma “mulher de madeira”.

Daí em diante, sua fé há de acompanhá-la nos momentos importantes de sua vida: as perdas de Vítor e Virgínia, e a perda de Lulu.

Alguns parágrafos acima eu havia falado do modo como Lulu pode ser visto como uma caricatura da própria Felicidade. Não é só em termos de linguagem que ele a reproduz: Lulu parece ser fiel à sua dona, como esta o é à Sra. Aubain.

Comme pour la distraire, il reproduisait le tic tac du tournebroche, l'appel aigu d'un vendeur de poisson, la scie du menuisier que logeait en face; et, aux coups de la sonnette, imitait Mme Aubain: “Félicité! la porte! la porte!”<sup>13</sup> (p. 615)

Lulu torna-se a conexão de Felicidade com o mundo. Com sua morte, começa o trecho mais miserável da vida de Felicidade. Fica evidente para o leitor sua terrível solidão, que culminará em seu isolamento do mundo. A religião será o lugar em que Felicidade há de depositar, de agora em diante, tudo o que já lhe foi caro um dia.

Au moyen d'un planchette, Loulou fut établi sur un corps de cheminée qui avançait dans l'appartement. Chaque matin, en s'éveillant, elle l'apercevait à la clarté de l'aube, et se rappelait alors les jours disparus, et d'insignifiantes actions jusqu'en leurs moindres détails, sans douleur, pleine de tranquillité.<sup>14</sup> (p. 617)

Lulu não poderia deixar de estar presente. Sendo ele o único ser vivo que já lhe fora devotado, Lulu há de ocupar um lugar especial no “panteão” particular de Felicidade, sendo associado com o Divino Espírito Santo. Neste ponto, seria bom que relembrássemos as ressalvas feitas na introdução. A ironia é jogo que se joga a dois, sendo nossa função, como leitores, completá-la ou não. Pode-se ler esta associação como uma antipatia pessoal de Flaubert pelos mistérios da religião Católica – contudo não é dele que estamos falando. Não é do ponto-de-vista dele que estamos procurando reconstituir a estória. Justamente a grande desgraça do artista é perceber que seu trabalho já não é mais seu a partir do momento que lhe sai das mãos – e que as leituras que serão feitas dele podem seguir outros critérios que não o mapeamento de suas crenças e opiniões pessoais. Um papagaio é ave como outra qualquer, não havendo nenhum indício *no texto* (novamente vamos contar com as lacunas que nos deixa o narrador) de que a associação feita por Felicidade seja risível – assim talvez nos pareça por conhecermos a representação usual do Espírito Santo. Não menos risível foi essa mesma associação do Espírito com o pombo para Fernando Pessoa:

O seu pai era duas pessoas –  
Um velho chamado José, que era carpinteiro.  
E que não era pai dele;  
E o outro pai era uma pomba estúpida,  
A única pomba feia do mundo  
Porque não era do mundo nem era pomba.<sup>15</sup>

Seria pelo menos um exercício mental interessante procurarmos perceber que essa associação não provém da ignorância, mas do carinho de Felicidade pela ave, e da importância dos mistérios cristãos para sua vida. Isso permite com que ela experiencie o afeto que tinha por seu bicho por longo tempo depois da morte deste. Lembremo-nos que a própria Igreja não recrimina seu pensamento (o padre aceita que Lulu seja colocado no altar da procissão).

De fato, podemos mesmo reler a alucinação de Felicidade em seu leito de morte:

Un vapeur d'azur monta dans la chambre de Félicité. Elle avança les narines, en la humant avec avec une sensualité mystique; puis ferma les paupières. Ses lèvres souriaient. Les mouvements de son cœur se ralentirent un à un, plus vagues chaque fois, plus, doux, comme une fontaine s'épuise, comme un écho disparaît; et, quand elle exhala don dernier souffle, elle crut voir, dans le ciel entr'ouverts, um perroquet gigantesque, planant au-dessus de as tête.<sup>16</sup> (p. 622)

A imagem que lhe vem à cabeça – como no caso de sua experiência da comunhão de Virgínia – é causada por seu forte envolvimento emocional com o ritual, mesmo que dele não esteja participando. Seu arrebatamento ao Paraíso mitiga grandemente o sofrimento de sua hora final – na descrição feita, ao menos, não há traço de dor, conferindo as analogias da fonte que se esgota e do eco que desaparece à sua morte, o caráter de um *continuum* gradativo e indolor. Alucinação que seja, poupa-a de grande dor.

Não foi meu objetivo durante esta explanação tentar cancelar outras leituras de “Un cœur simple”. Procurei tão-somente mostrar que há alternativas além daquelas às quais muitas vezes estamos por demais acostumados para delas conseguirmos sair. Felicidade, devido à cuidadosa constituição de sua personalidade e caráter feita por Flaubert, pode ser vista como uma forte representante de uma imensa classe de pessoas oprimidas por sua falta de estudos e por seu trabalho exaustivo e muito mal-remunerado. Só no Brasil, há um sem-número de Felicidades que, como a nossa, contam com pouco mais do que sua crença em figuras como Jesus Cristo ou a Virgem Maria para dar um mínimo de sentido a suas vidas, e, talvez, força durante a caminhada – “ilumina a mina escura e funda/ o trem da minha vida”, como já cantava Elis.

A releitura da experiência religiosa da personagem principal deste conto de Flaubert serve muito menos para legitimar os mitos nos quais a fé católica é baseada do que como um lembrete de que há sim uma dignidade na adesão a crenças de caráter religioso, independentemente do valor de verdade que se possa atribuir a tais crenças. Do mesmo modo, ela também nos pode ajudar a reavaliar visões simplistas e parciais da religião como mera resposta ao sofrimento humano ou como forma de dominação política.

A crença positivista no desaparecimento das religiões com o advento da ciência mostrou-se tão inverdadeira quanto nos parecem hoje os antigos deuses e mitos das religiões antigas, de modo que não nos resta outra alternativa senão nos conformarmos com o fato de que a ciência não é uma

versão mais evoluída da religião como forma de explicação e ordenação do mundo – ou, se preferirem, uma melhor cosmologia –, e que a ambas cabem papéis muito distintos. Ainda há neste mundo pós-moderno milhões de Felicidades que, indiferentes ao grande absurdo em que se tornou a idéia do deus cristão dentro das discussões abstrusas dos Padres da Igreja, indiferente à Morte mesma deste deus e ao crescente número de agnósticos, continuam calmamente a rezar seu terço e acenderem suas velas ao cair da noite, após um dia inteiro trabalhando como homens e mulheres de madeira que são.

#### NOTAS

- 1 Durante meio século, as burguesas de Pont-l’Évêque invejaram a Sra. Aubain por causa de sua criada Felicidade (p. 9). [Edições utilizadas para citação em francês e tradução em português encontram-se nas referências]
- 2 [Ela] permaneceu fiel à sua patroa – que, no entanto, não era pessoa agradável (p. 09).
- 3 Aos vinte e cinco anos, parecia ter quarenta. Dos cinqüenta em diante já não demonstrava nenhuma idade (p. 12).
- 4 E, sempre silenciosa, o talhe desempenado e os gestos comedidos, parecia uma mulher de madeira, que funcionasse automaticamente (p. 12).
- 5 Ofereceu-lhe sidra, café, bolacha, um lenço de pescoço, e, imaginando que ela entendia o que ele queria, prontificou-se a levá-la para casa. À beira de um aveal, derrubou-a brutalmente. Ela ficou apavorada, e pôs-se a gritar. Ele afastou-se (p. 14).
- 6 Então ele falou das colheitas e das pessoas importantes da comuna, pois seu pai trocara Colleville pela fazenda Écots, de forma que agora eles eram vizinhos.  
– Ah! – disse ela (p. 15).
- 7 Chegando o momento, ela correu de encontro ao namorado.  
Em seu lugar, encontrou um dos amigos dele.  
Soube por este que não o veria mais. Para livrar-se da conscrição, Teodoro desposara uma velha muito rica, a Sra. Lehoussais, de Touques.  
Foi um desgosto pungente. Jogou-se no chão, gritou, clamou por Deus, e gemeu sozinha no campo até o sol raiar (p. 17).
- 8 Mas ela nunca falava de suas apreensões (p. 41).
- 9 Para uma discussão mais completa de tais problemáticas, ver Ranke-Heinemann, 1988.
- 10 Quanto aos dogmas, [Felicidade] nada compreendia deles, nem sequer tratava de compreender (p. 33).
- 11 As sementeiras, as messes, os lagares, todas essas coisas familiares de que fala o Evangelho, encontravam-se na sua vida [de Felicidade]; a passagem

de Deus santificara-as; e ela amou com maior ternura os cordeiros por causa do Cordeiro, as pombas por causa do Espírito Santo (p. 32).

- 12 Ao chegar a vez de Virgínia, Felicidade inclinou-se para vê-la; e, com a imaginação que brota das ternuras verdadeiras, pareceu-lhe ser ela mesma a criança; seu semblante se tornava o de Felicidade, seu vestido a vestia, seu coração batia no peito dela; no momento de abrir a boca, cerrando as pálpebras, quase desmaiou.  
No dia seguinte, bem cedo, ela apresentou-se na sacristia para que o Sr. Cura lhe desse a comunhão. Recebeu-a com devoção, mas não experimentou as mesmas delícias (p. 34).
- 13 Como para a distrair, ele imitava o ruído da máquina de assar carne, o agudo pregão do peixeiro, o serrote do marceneiro em frente; e, ao ouvir os toques da campainha, fazia como a Sra. Aubain: – “Felicidade! A porta! a porta!” (p. 62-3)
- 14 Usando uma tabuinha, Lulu foi acomodado sobre uma saliência da lareira. todas as manhãs, ao acordar, ela o avistava à claridade da aurora, e recordava então os dias idos, e insignificantes ações até em seus mínimos pormenores, sem dor, plenamente tranqüila (p. 66).
- 15 PESSOA, Fernando. In: *O eu profundo e os outros eus*. 23. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 16 Um vapor celeste subiu ao quarto de Felicidade. Ela alargou as narinas, sorvendo-o com uma sensualidade mística; depois, cerrou as pálpebras. Seus lábios sorriam. Os movimentos de seu coração afrouxavam aos poucos, cada vez mais vagos, mais suaves, como uma fonte se esgota, como um eco desaparece; e, ao exalar o último suspiro, ela acreditou ver, nos céus entreabertos, um papagaio gigantesco, pairando sobre sua cabeça (p. 78).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Armstrong, K. *Uma História de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. (trad. Marcos Santarrita). São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- Borges, J. L. Vindicación de Bouvard y Pecuchet. in: \_\_\_\_\_. *Discusión*. 3.ed. Madri: Alianza Editoria, 1983. pp. 123-127
- \_\_\_\_\_. Flaubert y su destino ejemplar. in: \_\_\_\_\_. *Discusión*. 3.ed. Madri: Alianza Editoria, 1983. pp. 116-122
- Bourdieu. P. Gênese e estrutura do campo religioso. in: \_\_\_\_\_. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

- Clarke, P. ‘Pop-star’ priests and the Catholic response to the ‘explosion’ of Evangelical Protestantism in Brazil: the beginning of the end of the ‘walkout’? In: *Journal of Contemporary Religion*, Vol 4. no 2, 1999.
- Durkheim, É. e Mauss, M. De quelques formes primitives de classification: contribuition à l'étude des representations collectives. in: *Année Sociologique*, 6. 1903.
- Flaubert, G. *Um coração singelo*. (trad. Luís de Lima). Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Trois contes*. (comentada por Maurice Bruézière). Paris: Classiques Larousse, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Œuvres*. vol ii. Gallimard, 1952. pp 591-622
- Geertz, C. “A religião como sistema cultural”. In: *A interpretação das culturas*.
- Genette, G. “Silences de Flaubert”. in: \_\_\_\_\_. *Figures I*. Paris: éditions du seuil, 1966. pp 223- 243
- Mauss, M. e Hubert, H. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício (trad. João Luiz Gaio e J. Guinsburg). In: *Ensaios de Sociologia*. Perspectiva, pp 141-227.
- \_\_\_\_\_. *Esboço e de uma teoria geral da magia* (trad. Lamberto Pucinelli). São Paulo: EPU, 1974.
- Weber, M. Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas) In: *Economia e sociedade* (trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa). vol. 1. 3. ed. Brasília: UnB, 1994.